



ADILTON VENEGEROLES / AG. A TARDE

acessórios de informática são o centro das atenções. Pessoas dos quatro cantos da cidade sabem que ali acha-se de placa mãe e serviços de conserto de PC e notebook até mouse, caixinha de som e CPU.

O movimento não para ao longo do dia, assim como a música pop, em volume alto, que varia entre lançamentos americanos, brasileiros e coreanos. São mais de 30 estabelecimentos de informática, com diferentes proporções. Steven So, imigrante chinês que chegou ao Brasil há dez anos e dono de lojas na rua, acredita que uma das vantagens da ampla concorrência *in loco* é a diminuição do custo das mercadorias, tanto para os clientes, como para os empresários.

“Quanto mais produtos compramos juntos de um mesmo fornecedor, maior o desconto e menor o preço. E se você tem várias lojas, sempre entram clientes”, explica Steven, enquanto olha uma nova remessa que acabou de chegar na Info Brasil, uma das suas empresas. Minutos depois, já está resolvendo outros assuntos na Smart Shop, a uns 20 metros de distância. Diz que o preço de um mesmo produto, entre uma loja



Judison Lopes: relíquias da eletrônica na rua do Saldanha

e outra, pode variar. “Depende do retorno de cada”. É possível que duas lojas, do mesmo dono, tenham uma espécie de concorrência.

Para Antônio Amarante, coordenador das lojas Amarante, concorrência forte mesmo é a dos novos comerciantes informais da avenida Sete que, somada à crise, contribuiu para uma diminuição de mais de 70% do lucro nos últimos anos. “A tendência dessa rua é, com o tempo, ficar mais diversificada”.

Entre as dezenas de casas de informática, outras lojinhas chamam atenção: uma pequena gráfica, requisitada nesta época de eleição, pequenas lanchonetes e um sex shop. Num sobrado verde, o morador do bairro e comerciante Delson Silva administra a Pousada do Salete e uma loja de materiais de construção (tintas, ferragens, material elétrico) no térreo.

Embora resista a abrir uma casa de informática, aos poucos foi inserindo acessórios. “Coloquei porque muita gente procura aqui, mas é pouquíssima coisa. O pessoal da informática vem aqui comprar e de vez em quando também vou lá. É uma ótima relação”, diz o antigo morador, que reconhece o crescimento do comércio, mas expressa saudade do tempo em que “colocava cadeiras na calçada para ver os bloquinhos de Carnaval e dormia de porta aberta”.

Esse vínculo com o Centro da cidade atravessa o cotidiano comercial das ruas. Para a urbanista Laila Bouças, a própria concentração de uma mesma atividade comercial na área está associada com a história e a cultura de Salvador e também a fatores de mobilidade (fluxos de transporte) e classe social.